

Uma leitura geográfica da obra de Mario Quintana

Priscila Viana Alves¹
Elis de Araújo Miranda²



RESUMO

O objetivo deste artigo é estabelecer diálogos entre Geografia e Literatura por meio da leitura da obra poética de Mario Quintana. A relação entre essas duas formas de produção de conhecimento faz parte da tradição geográfica, ou seja, é até mesmo anterior à geografia como conhecimento científico. No entanto, são análises recentes que abordam incisivamente esta interseção ao propor um resgate desse diálogo rejeitado metodologicamente ao longo do desenvolvimento do pensamento geográfico.

Palavras-chave: Literatura. Porto Alegre. Mario Quintana.

ABSTRACT

The aim of this article is to establish dialogues between Geography and Literature through the work of the poet Mario Quintana. The relationship between these two forms of knowledge production has existed since the beginnings of the geographical tradition, that is, it is even prior to geography as scientific knowledge. However, only recently there have been analyzes that support incisively this intersection by proposing a rescue of this methodologically rejected dialogue throughout the development of the geographic thought.

Keywords: Literature. Porto Alegre. Mario Quintana.

1 Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense - Campos dos Goytacazes RJ. E-mail: priscilaviana@id.uff.br.

2 Professora dos Programas de Pós-Graduação em Geografia e Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas públicas da Universidade Federal Fluminense - Campos dos Goytacazes RJ. E-mail: elismiranda10@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Mario Quintana, sujeito do século XX, vivenciou as transformações emergentes no espaço urbano, como também na sociedade de sua época. Nascido em Alegrete, Rio Grande do Sul, é homem de fronteira, de interseção entre diferentes lugares, teve o olhar permanente atento em si e no outro. Característica que o marcou mesmo quando regressou definitivamente para Porto Alegre, pois ele continuou a ser sujeito de fronteira e ter preferência por lugares públicos, praças, ruas, bares, bondes, cinemas e bibliotecas. Além do mais não possuía domicílio fixo, totalmente ao contrário do modo de vida burguês dos indivíduos afundados em sua monotonia. Os hotéis em que viveu até o final de sua vida foram: Hotel Majestic, na Rua dos Andradas, Hotel Royal, na Rua Marechal Floriano, Apart hotel Residence, na Rua André da Rocha, todos localizados no Centro de Porto Alegre.

Na “Rua dos Cataventos”, “Canções” e “Sapato Florido” Quintana demonstra uma extrema afeição pela sua infância, pelo passado que lhe dava segurança e a cidade que antes o abrigava. Em “Aprendiz de Feiticeiro”, ele parece ter transformado o olhar inocente e nostálgico de mundo em uma visão trágica de adulto. Em Aprendiz de feiticeiro, ao que parece, o poeta buscou como escape a ironia e o sentido anedótico das diversas situações trágicas do cotidiano humano. O humor torna-se uma alternativa e consolo para sua desilusão com o presente e não mais o apego ao passado de seu terna infância. Já “Apontamentos de história sobrenatural” representa outro período da vida de Quintana, em que ele retorna de maneira mais enfática ao lirismo e atenua sua abordagem sarcástica e de humor. Deste modo, para análise neste artigo, a obra de Quintana foi dividida em três momentos:

Quadro 1 – Obras de Mario Quintana

1) Ênfase no lirismo e nostalgia, nas obras A Rua dos Cataventos (1940); Canções (1946); Sapato Florido (1948);	2) Ironia e humor como escape nos seus chamados Quintanares, nos livros O Aprendiz de Feiticeiro (1950); Caderno H (1973); A vaca e o Hipogrifo (1977); Na Volta da Esquina (1979); Preparativos de Viagem (1987); Da Preguiça como Método de Trabalho (1987); Porta Giratória (1988);	3) Fase da maturidade, retorno às características iniciais, nos livros Apontamentos de história sobrenatural; Esconderijos do tempo; Baú dos espantos; A cor de invisível; Velório sem defunto.
---	--	---

Fonte: Autoras (2017).

Diante do universo quintaneano, neste artigo buscar-se-á apresentar a relação entre a produção literária de Mario Quintana e as mudanças nas caracterizações urbanísticas da cidade de Porto Alegre. A relação entre geografia e literatura não está presente somente em Quintana uma vez que há um crescente avanço nas pesquisas que abordam a temática em outros autores. O espaço urbano foi cenário para o desenvolvimento da imaginação de Quintana e este eternizou as transformações que ocorreram na cidade no século XX em seus poemas, o que se tentará comprovar.

PERCURSOS DA RELAÇÃO ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

É preciso valorizar o diálogo entre as diferentes maneiras de produção de conhecimento para buscar uma compreensão da totalidade do real como possibilidade que leve à compreensão da subjetividade humana. A Geografia e a Literatura são maneiras de leitura de mundo e por isso mesmo são possibilidades de interpretações dos fenômenos. Ambas são conhecimentos que diferem no caminho de apreensão da realidade e não podem ser consideradas inferiores ou superiores em suas interpretações. Cada qual possui a capacidade de perceber o mundo circundante em sua particularidade. A corrente denominada Geografia Humanista a partir da Modernidade valoriza as geografias marginalizadas pela academia e valoriza a arte, sobretudo a literatura, na interpretação do mundo apreendido pela subjetividade. Deste modo, o espaço pode ser experienciado de diferentes maneiras, o que dependerá da forma pelo qual uma pessoa conhece e constrói a realidade por meio dos sentidos e a forma com que percebe, vivencia, sente o mundo.

Estabelecer interseções entre a geografia e a literatura pode evidenciar com mais clareza a tentativa de romper com a dualidade entre a objetividade e a subjetividade que o paradigma científico tradicional reforçou as divergências (GOMES, 1996, p. 68). O diálogo entre a ciência e as artes permite o avanço para além da concepção de que a linguagem científica está acima das outras linguagens produtoras de saberes. Tanto uma como a outra, podem apreender de modo significativo a realidade que se manifesta objetiva e subjetivamente, portanto não ocorre a hierarquização entre Ciência e Arte.

A referência literária feita pela geografia remonta aos gregos nas sistematizações elaboradas por Estrabão. Este autor defendeu que a tarefa do geógrafo é compreender o seu lugar no mundo e a própria existência da humanidade na terra. Trabalho que deve ser orientado por um pensamento crítico e reflexivo. Os geógrafos da Antiguidade fizeram referência à filosofia, a mitologia e a literatura antiga em suas explicações de mundo e análise regionais, em suas cosmologias e cosmogonias. Circunstância em que equivale a valorização do papel da literatura para o desenvolvimento da geografia, referência essencial para os primeiros estudos entendidos como geográficos que abordavam a relação da humanidade e a Terra.

Lévy afirma que,

Estrabão, na introdução de sua Geografia, insiste para que o geógrafo seja também um filósofo, isto é um pesquisador dotado de um pensamento crítico e reflexivo. Para ele, o primeiro geógrafo foi Homero. Estrabão visa uma ciência de síntese, uma disciplina autorizada a falar da existência dos homens sobre a terra (LÉVY, 2006, p.26;27, tradução nossa)³.

Para Lévy (2006), a geografia também consiste em dois polos epistemológicos, assim como a Modernidade segundo Gomes (1996). O primeiro polo é o literário e o segundo é o científico. Com os estudos fundantes da geografia moderna alcançados por Alexander Von Humboldt, essas concepções polarizadas e aparentemente excludentes se contemplam, uma vez que para Humboldt a literatura expressa os sentimentos da natureza desde as antigas civilizações

3 Strabon, dans l'Introduction de sa Géographie, insiste pour que le géographe soit aussi un philosophe, c'est-à-dire un chercheur doté d'une pensée critique et réflexive. Pour lui, le premier géographe fut Homère. Strabon vise à une science de synthèse, une discipline habilitée à parler de l'existence des hommes sur la terre (LÉVY, 2006, p.26;27).

conhecidas em sua época como os gregos, os romanos, os hebreus, os indígenas, os europeus da Idade Média, do Renascimento e outras civilizações do século XVIII. Desta maneira, a geografia deve se atentar para a Literatura como fonte legítima de pesquisa.

Segundo Lévy:

Para Humboldt, o autor da primeira síntese sobre nosso tema, só a literatura é capaz de reconstruir o sentimento da natureza, tal que este se revela nas mais antigas civilizações conhecidas de sua época: os gregos, os romanos, os hebreus, os indígenas, os europeus da Idade Média, do Renascimento e até o século XVIII (LÉVY, 2006, p.27, tradução nossa)⁴.

O mundo material é considerado inevitavelmente ligado à metafísica para Humboldt. Já que é a humanidade que dota de valores e significados os fenômenos da natureza e não o contrário. Mais ainda, estes significados são construídos segundo determinados pontos de vistas. Assim como a natureza tem influência direta sobre a humanidade, forjando suas relações interpessoais, sua cultura e o psíquico. O que caracteriza a interdependência entre a constituição dos sujeitos e sua relação com o meio em que vive, onde habita sua presença que em nada escapa ao telúrico. O espaço geográfico é primordial para a formação do ser humano o que deve ser levado em conta a relação humanidade e terra nos estudos geográficos (LÉVY, 2006, p.27).

Gomes (1996) denominou Humboldt de “eclético cosmopolita” de modo que em suas narrativas de viagens ele construía cosmografias ao abarcar a análise empírico-racional, que prioriza a razão, bem como a análise mítico-simbólica, que garante a importância da sensibilidade. Humboldt compreendia a importância das análises objetivas, mas também a relevância dos aspectos subjetivos. As duas expressões investigativas são intrínsecas ao discurso dos fundadores da geografia moderna, como Humboldt e “seu discurso é racional, lógico, mas também poético e emocional” (1996, p. 152). A literatura é uma rica fonte para a imaginação científica e impulsiona o espírito investigativo, criativo.

Lévy afirma que a geografia humanista busca correspondência entre a geografia real, da concretude e a geografia imaginada das experiências cotidianas dos sujeitos com o espaço. A oposição entre a ciência geográfica e a arte é um fenômeno da Modernidade uma vez que a compreensão entre ambas foi entendida nesse período como conhecimentos isolados que não podem dialogar por se tratarem de saberes com métodos de produção, finalidades e formas de apresentação distintas. O que é reflexo de toda a ciência que nesse período leva em conta somente o método rigoroso da razão objetiva e abandona a arte com sua expressão subjetiva.

O conhecimento científico emergido nesse período tem como método de conhecimento de mundo a razão ao desconsiderar a sensibilidade como caminho que pode contribuir para o desvelamento de mundo. Deste modo, a ciência polariza o mundo sensível e o mundo inteligível. Dicotomiza a subjetividade e a objetividade. Considera que o mundo dos sentidos não tem possibilidade de obter um conhecimento digno de confiança e somente a razão deve ter a primazia no estudo científico.

4 Pour Humboldt, l’auteur de la première synthèse sur notre sujet, seule la littérature est capable de retracer le sentiment de la nature, tel qu’il se révèle dans les plus anciennes civilisations connues à son époque: les Grecs, les Romains, les Hébreux, les Indiens, les Européens du Moyen Age, de la Renaissance et jusqu’au 18e siècle (LÉVY, 2006, p.27).

Como afirma Paulo Cesar da Costa Gomes,

A razão, graças ao método, era considerada como o único instrumento capaz de isolar estes dois termos. Entre o mundo sensível e o mundo inteligível, o único ponto capaz de separar a percepção personalizada e imediata do conhecimento geral, universal e objetivo é o método científico. A enorme importância atribuída à objetividade, fetiche do discurso científico, vem desta possibilidade de construir um objeto do conhecimento por intermédio do método (GOMES, 1996, p. 68).

A geografia foi desde a Antiguidade suporte para a descrição e construção de uma explicação de mundo, de cosmologia universal. Segundo Gomes (1996), o conhecimento geográfico busca reproduzir o discurso científico da Modernidade. Por isso a Geografia obtém elementos explicativos que acompanham a evolução do pensamento científico. Deste modo, “a história da ciência geográfica pode, então, ser considerada como a história do *imago mundi* da própria modernidade” (GOMES, 1996, p. 28). Deste modo a geografia é a representação da modernidade.

GEOGRAFIA DE QUINTANA

Os poemas em prosa, nomeados de Quintanares (BECKER, 1996, p. 10) são uma invenção original de Mario Quintana, que consegue abstrair do mais puro lirismo, o diálogo com o prosaico, com o cotidiano rejeitado pelos temas universais. Quintana não age dessa maneira, pois transforma o próprio cotidiano dos sujeitos caricatos em algo mágico e com características universais, o que de certa maneira o avanço da modernidade contribuiu.

A poesia de Quintana, nesse sentido, consiste na combinação do lírico e da ironia, do extraordinário e do ordinário: “encontra-se desde o nascedouro sob o signo da contradição” (BECKER, 1996, p. 15). Contradição por ele muito bem trabalhada, pois por meio da criação poética, Quintana conciliou tanto o jeito romântico e sentimental de descrever o mundo com a crítica irônica à sociedade e aos hábitos cotidianos dos indivíduos.

A obra de Quintana é rica em referências ao espaço geográfico de maneira abrangente, com alusões ao urbano, ao campo, a natureza, países, paisagens, lugares. A vida urbana e seus embates ontológicos experienciados pelos sujeitos na Modernidade se confrontam nas relações de espaço-temporais. Alves em seu estudo de uma escrita recente, do recorte entre o período da década de 1990 até a contemporaneidade afirma existirem “poéticas assumidamente espaciais” (2009, p. 206) o que se concorda ser o caso de Quintana, embora o recorte seja do século XX.

A análise dessas poéticas específicas contribui para a compreensão do sentido da produção literária e sua relação com o mundo por meio do estudo das experiências dos sujeitos com o lugar, como também a valorização de aspectos peculiares de cada sujeito. Buscar referências da geografia na poesia, como possíveis alusões ao lugar, a paisagem, o espaço urbano, possibilitam compreender a correspondência entre o sujeito e sua experiência com o espaço.

Perseguir a paisagem na poesia auxilia a ver, com acuidade, a problemática relação entre sujeito e mundo a partir de experiências corporais de perda, de degradação ou solidão, por outro, possibilita reconhecer a sobrevivência de gestos de singularidade num tempo de massificação e de indiferenciação (ALVES, 2009, p. 215).

Marca da obra Quintaneana pode ser entendida como uma crítica à relação fragmentada e acelerada estabelecida com a cidade e também da condição lírica que não submete o poeta a representar exatamente o mundo de acordo com sua vivência. A modernidade, com a mercantilização da poesia, implicou que a correspondência entre realidade e obra poética cedesse espaço para a crítica irônica da própria condição lírica e da relação dos sujeitos com o mundo.

Se a poesia, na modernidade, sofre o estigma da alienação, por ser convertida em mercadoria, por outro lado, ela encontra um público também alienado de tudo, até de sua própria experiência. Além disso a visão analógica, inerente ao lirismo, se choca constantemente com a racionalidade e o espírito crítico próprios da modernidade, o que dá lugar ao surgimento da ironia (BECKER, 1996, p. 15).

O que dá coesão e sentido à imaginação poética de Mario Quintana é a inconformidade com o tempo presente, embora esta seja encarada de formas diferentes, com ironia, melancolia, lirismo intimista e não exatamente como poesia engajada. “A construção de uma poesia distanciada da existência concreta, visceralmente individual, aponta para o que há de errado nessa existência, implica o protesto contra um estado social tido como hostil, alheio, frio e opressivo” (YOKOZAWA, 2006, p. 44). Quintana apesar de sua introspecção e sua percepção para as coisas simples da vida, demonstrou sua discordância com a frivolidade nas relações sociais, como também no distanciamento nas relações com o lugar.

Quintana não concordava com as críticas contra o poeta lírico, acusado de ser subjetivista e sem compromisso social “nem se pense que o poeta lírico está fora do mundo. Os sentimentos que ele canta pertencem a todo o mundo, a toda a humanidade, são de todos os tempos e não apenas os de sua época [...]” (QUINTANA, 1987, p. 145). O poema não é resultado de experiências e emoções meramente particulares. Para Adorno:

Essa universalidade do teor lírico, contudo, é essencialmente social. Só entende aquilo que o poema diz quem escuta, em sua solidão, a voz da humanidade; mais ainda, a própria solidão da palavra lírica é pré-traçada pela sociedade individualista e, em última análise, atomística, assim como, inversamente, sua capacidade de criar vínculos universais vive da densidade de sua individuação (ADORNO, 1989, p. 67).

Fernandes (2014, p 193) chama de específica forma de representação geográfica a maneira pela qual Quintana retrata o espaço em seus poemas como a maneira que ele expressa a correspondência entre o mundo objetivo e subjetivo. O que demonstra a identificação do autor com a cidade e seu pertencimento ao lugar. Deste modo Quintana tinha a característica do flâneur, personagem, dândi, por excelência da cidade da modernidade, que procura observar os sujeitos no cotidiano do espaço urbano e questiona a sociedade e constata a perda da experiência entre os sujeitos e o espaço. Para Benjamin: “havia o transeunte, que se enfia na multidão, mas havia também o flâneur, que precisa de espaço livre e não quer perder sua privacidade” (BENJAMIN, 1989, p. 50). O flâneur existe somente na multidão e no espaço público, todavia não se confunde dentro dela, é uma personalidade distinta.

Quintana, muitas vezes, imprimiu um caminhar solitário – talvez isso tenha contribuído para intensificar o hábito de grande observador da paisagem citadina. Em suas andanças, percorreu os labirintos das ruas, frequentou cinemas, bares, jornais, praças, quartos de pensões e hotéis que serviram de pontos de encontros e desencontros de uma vida dedicada à poesia e, parte dela, à cidade de Porto Alegre (FERNANDES, 2014, p 193).

Quintana apresenta uma sensação nostálgica tendo em vista que fez menção a um espaço anterior, em que os processos de urbanização e industrialização transformaram a cidade ao alterar as marcas de reconhecimento com o lugar de experiência. O que leva a fragmentação da identidade e a constituição de novos processos de relação espaço e tempo, que se tornam mais acelerados o que resulta no descontentamento diante do mundo (FERNANDES, 2014, p.195).

O modo de vida acelerado da cidade moderna também enfraquece determinadas experiências dos sujeitos entre si e com o espaço de vivência. As andanças pelo espaço urbano são descompromissadas de observação minuciosa, em parte pelo modo agitado de se portar na rua. A sobrevivência da poesia foi sua preocupação durante toda a vida, uma palavra que abala as estruturas da racionalidade. Deste modo sua poesia é encontro entre lirismo e ironia, característica contradição. Sua produção é de poemas de versos metrificados e versos livres e livros de poemas em prosa (chamados de quintanares).

POEMAS

Quintana em O especialista, fala da exacerbação dos sons da cidade que resulta na poluição sonora das metrópoles que poderá ocasionar na existência de especialistas em “surdificação”. Estes especialistas terão como tarefa deixar os indivíduos imunes aos barulhos metropolitanos dos automóveis e perturbações estéticas como músicas altas e programas de televisão que prejudicam a sua tranquilidade.

Com a intensificação incessante da poluição sonora – revelou-me a Sibila de Delfos – não está longe o dia em que aparecerão nos jornais anúncios como este: “Dr. Praxedes, especialista em surdificação, compromete-se dentro em seis meses a deixá-lo imune às descargas automobilísticas, aos ruídos infernais do doce lar, à música Pop, a determinados programas de TV” (QUINTANA, 1973, p. 113).

No poema Um pé depois do outro, há alusões à rua e às paisagens suburbanas. Nele, o eu-lírico revela seu hábito de flunar, de fazer descobertas a céu aberto e a pé. Não importava o nome da rua pois “estávamos fazendo descobrimentos e não turismo”. Eram “colombos desinteressados”. O personagem Flânerie não existe mais, pois foi estrangulado pelo “progresso” da modernidade. “Naquele tempo as pessoas costumavam reparar umas nas outras”, revela que as relações humanas, na percepção do poeta, eram mais estreitas e de contato. No entanto, hoje pela aceleração da vida urbana esse hábito não é preponderante. As pessoas tinham curiosidade sobre si e hoje não possuem a capacidade de se perceberem.

Há gente que gosta de escalar o Everest – uma paranoia como outra qualquer. Mas sou insuspeito para mandar contra, em vista da modéstia de minha própria mania. A qual consiste em descobrir ruazinhas desconhecidas. Como se vê, uma mania bastante chã. Sérgio de Gouvêa e eu éramos peritos nisso. Descíamos num fim-de-linha e, quando nos sorria a perspectiva, enveredávamos por qualquer rua transversal. Nunca nos importou o nome da rua, porque estávamos fazendo descobrimentos e não turismo e, além disso, não constava de nossas intenções colonizar aquelas terras incógnitas, nem mais lá voltar. Éramos uns Colombos completamente desinteressados. Naquele tempo as pessoas costumavam reparar umas nas outras e os aborígenes nos fitavam com um olhar de quem indaga: “Quem serão esses?” Bem saciados os olhos nas paisagens suburbanas, sucedia-nos às vezes também descobrir um bar, geralmente de esquina, onde saciávamos a sede. Só não saciávamos os assuntos, sobremaneira metafísicos – o que deve deixar espantados os pragmáticos de hoje (QUINTANA, 1983, pp. 102 e 103).

Em *Notas da cidade*, Quintana justifica por que vive se mudando de hotel: arquitetura nova não faz casas velhas. O poeta gosta de habitar em casas velhas. Em relação aos lugares de socialização, ele fala que os cafés tinham lugar para sentar e possibilitam pensar. No entanto, agora os cafés são de “barranco”, não têm a disposição que permite a reflexão. O espaço faz parte da construção interior e da estabilidade dos sujeitos e em tempo de mudança arquitetônica o eu-lírico fica sem referência, desnorteado. Para Bachelard (1978, p.37) “pode-se opor a racionalidade do teto à irracionalidade do porão [...] No porão também encontramos utilidades [...] ele é a princípio o ser obscuro da casa, o ser que participa das potências subterrâneas”.

Esses tetos baixos me abafam... De modo que só resido em casas antigas. Acontece é que as casas velhas têm proprietários velhos, muito velhos aliás e por isso mesmo muitos morredores. E seus herdeiros resolvem vendê-las a construtores de edifícios. Resultado: há anos que venho me mudando: sou uma pobre vítima do surto do progresso e do clamor público.

É nessas épocas de mudança arquitetônica que se dá a maior instabilidade social e individual.

E quantas vezes nós, ao passar por uma velha rua cotidiana, sentimos uma vaga inquietação, uma falta de não sei quê. Vai-se ver, é que um simples lanço de muro que demoliram e que, tijolo a tijolo, fazia parte da nossa construção interior, da nossa estabilidade, em suma (QUINTANA, 1979, p. 48).

No poema *restaurante*, o eu-lírico questiona a arquitetura e forma das construções dos restaurantes atuais que parecem balcões que contribuem para a agilidade do atendimento do “freguês massificado e apressado”. Este ao se servir de frango apressadamente parece que o está devorando na própria acomodação original das aves, o “poleiro”. Deste modo, os restaurantes não são mais espaços de convivência e sociabilidade em que os sujeitos podem interagir.

IV

As precedentes notas de sinestesia são do tempo em que havia restaurantes – onde havia lagostas – e não esses balcões de hoje em que o freguês massificado e apressado, ao servir-se de um frango, parece que o está devorando no próprio poleiro (QUINTANA, 1983, p. 11).

O poema em prosa *Tempo perdido* traz o tempo em que havia cadeiras na calçada, o que demonstra a capacidade que o sujeitos tinham para observar os céus, por isso era um tempo em que havia mais estrelas. “O relógio não media o tempo” pois a sensação era que ele passava devagar pela calmaria do estilo de vida, o tempo meditava e isso é inimaginável na atual aceleração da vida.

Havia um tempo de cadeiras na calçada. Era um tempo em que havia mais estrelas. Tempo em que as crianças brincavam sob a claraboia da lua. E o cachorro da casa era um grande personagem. E também o relógio de parede! Ele não media o tempo simplesmente: ele meditava o tempo (QUINTANA, 1979, p. 44).

No poema *Casa Grande*, Mario Quintana diz que queria ter nascido em uma casa simples “meia-água”, só de porta e janela, mas ele nasceu em uma casa enorme, com escadas, sótãos e porões. A casa aparentava ser maior que o mundo, ou maior que o mundo que ele conhecia, seu lar o assustava mais que o espaço do lado de fora. Até a sua velhice, Quintana diz explorar os subterfúgios de sua casa antiga.

... mas eu queria ter nascido numa dessas casas de meia-água
com o telhado descendo logo após as fachadas
só de porta e janela
e que tinham, no século, o carinhoso apelido
de cachorros sentados.
Porém nasci em um solar de leões.
(...escadarias, corredores, sótãos, porões, tudo isso...)
Não pude ser um menino da rua...
Aliás, a casa me assustava mais do que o mundo, lá fora.
A casa era maior do que o mundo!
E até hoje
- mesmo depois que destruíram a casa grande -
até hoje eu vivo explorando os seus esconderijos... (QUINTANA, 1980, p. 63).

Em *Elegia em cinza*, o poeta fala das cidades que tem a paisagem descolorida e em que não há mais traços da natureza. O cimento existente na cidade revela que o espaço urbano está com a paisagem cheia de construções e edifícios. Não há muitos espaços arborizados e sim estes são totalmente transformados em paisagem construída, as “folhas”, são consideradas pouco importantes.

Nas cidades de puro cimento, onde a palavra “folha” é menos que um fantasma, só o vento nos resta... Meu Deus! E se tu fizesses agora mais uma das tuas mágicas – ao menos para colorir o vento! (QUINTANA, 1973, p. 100).

Em *cartazes*, Quintana fala da colonização da rua promovida pela publicidade de consumo que anunciam produtos e serviços. A tentativa do poeta de fugir para outro lugar é olhar para o firmamento, que tranquilo demonstra o sublime. A paisagem urbana foi transformada em vitrine para expor produtos e gerar consumo. O escape para o poeta é fitar seus olhos no céu.

Os ônibus anunciam dentifrícios, depilatórios, tônicos, etc.

As lojas anunciam liquidações.

Os muros anunciam candidatos.

Os letreiros luminosos anunciam refrigerantes, pneus, o diabo...

E quando, enfim, numa última tentativa de fuga, a gente ergue os olhos para o céu sereno, os Céus anunciam a Glória do Senhor (QUINTANA, 1973, p. 147).

No poema *Urbanismo*, o poeta questiona as cidades que são metálicas, em que não há melhor ornamentação que os cactos. Assim como a cacofonia é a reunião de sons desarmônicos e desagradáveis, a cidade atual também tem uma aparência grosseira.

Para as nossas cidades metálicas, que melhor ornamentação que os cactos? Se não por outros motivos, já bastava o seu próprio nome – cacto – tão adequadamente cacofônico (QUINTANA, 1979, p. 26).

No poema *O passeio*, Quintana questiona o desaparecimento dos admirados crepúsculos de Porto Alegre. O arranha-céu, chamado de gato, devorou a exuberância da aurora e do pôr-do-sol. A contemplação da paisagem natural na cidade moderna possui uma dimensão simbólica importante, pois questiona todo o imaginário de aceleração contemporânea em que não é possível parar para ao menos perceber o espetáculo que a percepção abarca.

... mas não vi o crepúsculo – onde aqueles crepúsculos de Porto Alegre, de uma beleza pungente até o grito?

- Sim, cadê o crepúsculo?

- O gato comeu!

O gato se chama hoje arranha-céu, que aliás, ao que parece, ninguém mais chama desse jeito. Esvaziou-se o espanto (QUINTANA, 1987, p. 135).

A centralidade da paisagem é nítida nos poemas acima, seja nas expressões relativas à admiração do céu, das belezas naturais da cidade, como também na visão crítica perante a paisagem urbana que se alterou e não traz mais a satisfação de outrora. O poeta afirma que a experiência com a paisagem não se dá em apenas um instante, é necessário o tempo de aproximação que só é permitido pela convivência, faz a crítica ao sujeito que vê na paisagem turística uma maneira fria e indiferente de conhecer os lugares.

Os poemas acima expressam a relação de Quintana com o lugar, com a cidade transformada pela modernidade, como também sua compreensão das relações dos sujeitos entre si. A interação com o lugar resulta no cultivo de sentimentos, que podem ser de afeição, que em quase todos os poemas revelam isso, mesmo quando existem críticas às mudanças no modo de vida urbano. Os sentimentos de negação revelam o desencaixe entre o sujeito poético e a modernidade. A poesia possibilitou a Quintana a sobrevivência, pois por meio do registro, ele pode falar de si e sobre o lugar como uma maneira de desabafar.

O croqui abaixo foi elaborado como tentativa de apresentar a capital gaúcha pelo olhar e pelos lugares vividos por Mario Quintana:

Imagem 1 – Porto Alegre de Mario Quintana



Fonte: Autoras (2017).

A rua dos Andradas, chamada pelo poeta de Rua da praia, aqui é reconhecida como a rua de permanência de Quintana. A rua era para ele o coração de Porto Alegre, lá ele habitava, trabalhava, tomava seu café com quindim, fumava e fazia seus poemas cotidianamente. As ruas de passagem, a saber: Av. Presidente João Goulart; Avenida Mauá, Avenida Siqueira Campos, Rua Caldas Júnior, Rua General Câmara, Rua Marechal Floriano e Avenida André da Rocha, são chamadas assim, pois constituem lugares em que o poeta transitava. A praça da Alfândega é citada em vários poemas de Quintana como o local em que ele ficava sozinho, lendo, fumando e refletindo sobre a vida.

O mercado municipal era o lugar onde ele se esbarrava com o povo, local privilegiado dos anônimos, onde o poeta gostava de se infiltrar na vida comum dos outros. A praça XV era o local eleito da boemia, lugar onde o poeta encontrava os mais chegados para compartilhar do lazer. O Guaíba é sobremodo inspirador para os porto-alegrenses, pois em suas margens o pôr do sol pode ser visto com mais evidência. Provavelmente era de lá que Quintana admirava e se sentia inspirado para eternizar os céus de Porto Alegre em seus poemas.

Mario Quintana viveu sua vida adulta em hotéis, durante 1968 a 1980, habitou no Hotel Majestic, localizado na rua da praia. Quando não conseguiu mais pagar os aluguéis do quarto do Majestic, foi residir no Hotel Royal, localizado na rua Marechal Floriano, oferecido amigavelmente por Paulo Roberto Falcão. Aos oitenta anos, o poeta foi para um apart-hotel no Porto Alegre Residence, localizado na avenida André da Rocha, também no centro da cidade, onde ele habitou até morte.

Este esquema mostra os lugares vividos por Quintana em Porto Alegre, priorizando, obviamente a rua dos Andradas, amada por Quintana. Esta foi observada e também expressa em poemas em relação às transformações do espaço urbano e na prática dos sujeitos habitantes da cidade. O poeta observou a própria mudança na identidade urbana, no que motiva e alegria a rua, lugar privilegiado de memória e experiência coletivas, mais vivenciadas por Quintana. As reformas urbanas o fizeram sofrer pois elas não afetavam apenas vida concreta dos sujeitos, mas também sua constituição interior suas memórias. A rua da Praia, nesse sentido é mais que uma rua, ela foi o palco onde a mocidade, os poeta, leitores, intelectuais viviam, trocavam socialibilidades e afetos. É lugar onde a vida cultural e pública da cidade se desenrolava (RUSCHEL, 2009).

Os sujeitos da rua da praia respiravam arte, música, teatro, cinema, poesia. A cultura urbana era de agregar-se às proximidades de cafés no centro da cidade. Há uma mudança nessa sociabilidade em 1970, bancos, lojas, e lanchonetes substituíram os cafés e os bares, marca pretérita da cidade. Muitos artistas foram para o Rio de Janeiro, o que para Quintana, em alguns casos era claro provincianismo. A mudança na paisagem urbana não foi somente externa, alterou a modo de socialização dos sujeitos com a cidade e entre si. A valorização atual recai sobre o comércio, a rua perdeu sua fisionomia singular e tornou-se mais uma rua de vitrine.

A rua dos Andradas, é uma das principais ruas de Porto Alegre desde o limiar do século XX, até hoje. Nela ocorriam os desfiles dos sujeitos que desejavam a exposição, em contrapartida, era percebida também pelos que apenas tinham os olhos curiosos fitados nela, todavia não desejavam aparecer. A rua da Praia tinha como localização a margem do lago Rio Guaíba, mas ocorreram aterramentos na área que extinguiu a paisagem antiga. Palco de

grandes reuniões dos sujeitos que queriam viver a cidade de Porto Alegre e debater sobre suas possibilidades. A representatividade da rua dos Andradas como centralidade da vida pública urbana da capital gaúcha é expressa na evolução do pensamento poético de Mario Quintana. Ela é a rua eleita pelo poeta para ser seu lugar de habitação, de construção poética e mentalmente refletida.

Mario Quintana nasceu em Alegrete, interior do Rio Grande do Sul, no entanto viveu grande parte de sua vida na capital gaúcha. Seu olhar sempre foi apurado como o olhar do sujeito da fronteira, das interseções. A cidade de Porto Alegre foi palco para o desenvolvimento de sua criação literária, praças, principalmente a praça da Alfândega, bares, hotéis, ruas. Quintana gostava de vagar pelas ruas. Todavia as transformações urbanas o deixaram inquieto. Para Trevisan:

Quintana foi um urbano auto-exilado, fora dos padrões tradicionais. Vivia na cidade, gostava dela, amava-a. No fundo, porém, não se interessava por ela. Queria uma cidade de outros tempos, arcaica, feita de lampiões, de solares, de cacimbas em pátios e de goiabeiras juntos aos galinheiros. Não apreciava cidades que teimavam em evoluir, que se tornavam falsamente adultas, que viravam marmanjas [...] um urbano que detestava o “progresso” (TREVISAN, 2006, 16,17).

Esse contexto de transformação que Mario Quintana vivenciará mais tarde em Porto Alegre, cenário e inspiração em grande parte de sua vida. A capital gaúcha ao longo do século XX sofre transformações urbanas, arquitetônicas e de infraestrutura, bem como econômicas, políticas e sociais. O poeta acompanhou esta evolução. Apesar do acelerado crescimento populacional, Porto Alegre ainda era apreciada como uma cidade pequena com características singulares como os espaços de encontro coletivo.

Aos poucos, Porto Alegre foi se transformando e inspirando novos espaços de sociabilidade para os sujeitos urbanos. A rua passa a ser lugar de referência para o cotidiano dos cidadãos que por meio dos espaços públicos organizam a vivência e a reflexão sobre sua urbanidade. É nesse ambiente que Quintana experimentou e desenvolveu sua percepção apurada da cidade, que foi base inicial que inspirou sua trajetória. No entanto, Porto Alegre se transformou a partir do avanço do processo de metropolização, o que Quintana também registrou em seus poemas.

Mario Quintana buscou por meio da poesia, expressar essa inquietação e nostalgia pela Porto Alegre que não existe mais. Buscou na escrita humanizar o seu cotidiano e deste modo criou sua obra baseada na relação intrínseca que estabelecia com o lugar. Quintana questionou o desenvolvimento da sociedade moderna e as transformações na paisagem urbana através de sua obra, compreende-se que Quintana tinha uma maneira singular de representação geográfica.

A modernidade construiu o espaço desconectado das experiências subjetivas. Na sociedade contemporânea o espaço da cidade está subordinado aos interesses dos agentes modeladores hegemônicos do espaço urbano. O que resulta na degradação das pessoas, no ruimento e caduquices modernas como: estresse, depressão, ansiedade que são resultados de patologias nas relações sociais. A falta de tempo para pensar a realidade desencadeia na diminuição do sentido da experiência (BENJAMIN, 1985, p. 118) ao falar da pobreza da experiência e a decadência as relações humanas. A pobreza da experiência é resultado de uma sociedade que virou as costas para a poesia, Quintana observou atentamente esse processo “a civilização moderna, impermeável à poesia, aparece para Quintana como um

mundo em decomposição, que se desmorona inelutavelmente” (BECKER, 1996, p. 35). O poeta transformou seu pesar em um estado de criação constante.

A obra de Mario Quintana é encontro entre literatura e geografia uma vez que sua produção literária foi criada a partir das relações estabelecidas entre o poeta e a cidade. A geografia pode encontrar na literatura uma importante inspiração para a compreensão dos fenômenos espaciais que ligam o ser humano a terra. Parafraseando Bachelard, como os geógrafos haveriam de aprender se consentissem em ler os poetas! A literatura não é ornamento. Não é somente o belo. Ela é uma criação que revela a humanidade dos sujeitos, a forma como estes se constituem gente. As reformas urbanas alteram a existência interior das pessoas. E por mais que na contemporaneidade ser bem sucedido é aquele que é indiferente aos choques da vida moderna, não conseguiram arrancar do poeta sua sensibilidade. Sua lentidão. Sua preguiça.

Quintana não viveu fora da sua realidade biográfica, nem fora da realidade porto-alegrense. Seu poema “mapa” é bem nosso. Mas a poesia desse poema não está amarrada a nenhum fio geográfico, a nenhum sentimento específico, a nenhuma casca de árvore de nossa terra. Nem nos jacarandás da Praça da Alfândega. Não obstante, ele consegue sugerir tudo isso. Consegue trazer à tona tudo isso, sem especificar coisa alguma. É o milagre de sua poesia, que, ao mesmo tempo, sendo nossa e mesmo provinciana, é capaz de interessar a um chinês, ou a um habitante da Terra do Fogo (TREVISAN, 2006 p. 78)

Quintana trabalhou na Livraria do Globo e no Jornal Correio do Povo, com a coluna diária do Caderno H. Em 1982, o prédio do antigo Hotel Magestic é tombado como patrimônio histórico do Estado, e em 1982 e passa a ser Casa de Cultura Mario Quintana. Este é símbolo da capital gaúcha, homenageado em vários lugares da cidade, como a estátua na praça da Alfândega e a Casa de Cultura Mario Quintana. Como também está presente na memória do povo.

CONCLUSÃO

O conteúdo para os seus poemas foi absorvido da vida cotidiana de pessoas simples, coletados no espaço público, no cinema, nos bares, onde havia congregação de gente. A poesia lírica de Quintana pode ser uma ferramenta de conhecimento da vida social e política de Porto Alegre, pois o poeta observou a evolução urbana da cidade paulatinamente ao longo do século XX, sua obra pode ser considerada uma representação social e geográfica, pois podem ser percebidos registros de eventos históricos, sociais e espaciais em sua poesia.

O poeta não vive fora de seu tempo e por mais que seu lirismo seja profundamente introspectivo, não se ausentou do espaço da rua. Quintana foi um poeta de poesia pura, sua percepção da concretude da cidade foi purificada pela imaginação. O que permitiu que o autor não fosse reconhecido por sua poesia engajada, mas pelo seu exame íntimo de seus sentimentos, reações diante do mundo. Toda a poesia de Quintana consistiu no desafio à burguesia, foi um chamado à crítica (TREVISAN, 2006, p. 41). Perceber tal circunstância com o olhar da geografia possibilitou a compreensão do próprio espaço urbano a luz do lirismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade (1957). In: *Notas de literatura I*, trad. Jorge de Almeida, São Paulo: 34, 2003, pp. 65-89

ALVES, Ida. Cruzamentos Urbanos na Poesia Portuguesa Recente. *Via Atlântica* n° 15 JUN/2009.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2015.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BECKER, Paulo. *Mario Quintana: as faces do feiticeiro*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS/EDIPUCRS, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire - um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989 (Obras Escolhidas III).

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar – A aventura da modernidade*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda., 1986.

BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 17-77, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. *O estudo analítico do poema*. 3. ed. São Paulo: Humanitas publicações FFLCH/USP, 1996.

COLLOT, Michel. Rumo a uma geografia literária. *Gragoatá*, Niterói, n. 33, p. 17-31, 2º semestre, p. 17-31, 2012.

CUNHA, Fausto. Poesia e poética de Mario Quintana. In: *Mario Quintana: poesia completa: em um volume*. Org. Tânia Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. p.49-61.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FERNANDES, Mônica Luiza Socio. O mapa: registros da poética urbana de Mario Quintana. *Todas as Letras W*, São Paulo, maio 2014, v. 16, n. 1, p. 190-199.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Geografia e modernidade*. Bertrand Brasil, 1996.

LÉVY, Bertrand. *Géographie et littérature. Une synthèse historique*. Le Globe, 2006, vol. 146, p. 25-52

MARANDOLA Jr. Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Orgs.). *Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2010.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo et al (org.). *Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PECHMAN, Robert, KUSTER, Eliana. *O chamado da cidade: ensaios sobre a urbanidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

QUINTANA, Mario. *Na volta da Esquina*. Porto Alegre: Globo, RBS, 1979.

QUINTANA, Mario. *Caderno H*. Globo Livros, 1973.

QUINTANA, Mario. *A vaca e o hipogrifo*. Porto Alegre: L&PM, 1977.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967

SOUZA, Célia Ferraz de; MULLER, Dóris Maria. *Porto Alegre e sua evolução urbana*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

TREVISAN, Armindo. *Mario Quintana desconhecido*. Porto Alegre: Brejo editora, 2006.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 2013.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (trad.) Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 2012.

TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. UNESP, 2005.

YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. *A memória lírica de Mario Quintana*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. 300p.

ZILBERMAN, Regina. O poeta da diversidade. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, v. 26, n. 36, p. 33 – 38, jul.- dez. 2006.